

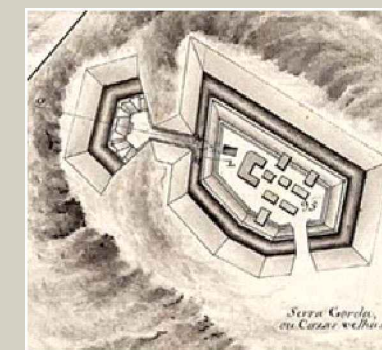


# Forte do Zambujal [nº95]

O Forte está implantado em formações de Cretácico (145-65 milhões de anos), composta por um complexo de formações calcárias e margosas. O encaixe da rede hidrográfica conjugado com as formações litológicas deram origem a um relevo de posição, mais tarde estrategicamente aproveitado para a implantação do forte, já que permitia o domínio simultâneo de três vales: o vale do Rio Lizandro, o vale da Ribeira de Vidigueira e o vale da Ribeira de Cheleiros.



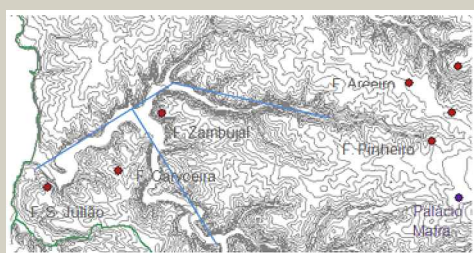
Vista 3D da posição do Forte de Zambujal; Encaixe da Ribeira de Cheleiros, do Rio Lizandro e da Ribeira da Vidigueira (Goole Earth)



Planta do Forte do Zambujal  
(Fonte: 4732-3-34-47 GEAM/DIE)



Localização do forte do Zambujal  
(adaptação das catas militares nº 388 e 402)



Esquema da posição do forte do Zambujal

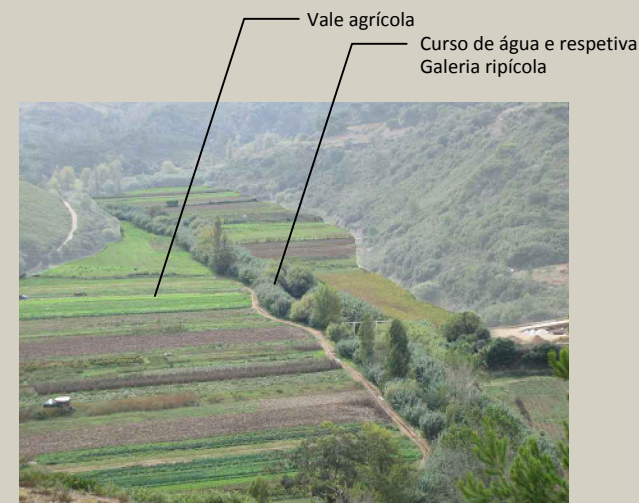
O domínio proporcionado por esta posição seria provavelmente importante não só para impedir o acesso do inimigo a Mafra pelo vale, como também para garantir que os abastecimentos trazidos pela armada inglesa conseguiriam chegar a Mafra e aos restantes destinos.

Por outro lado, foram precisamente as litologias brandas e/ou friáveis que permitiram a implantação do forte com relativa facilidade através da escavação do fosso.

Os depósitos aluvionares que se foram acumulando nos vales, contribuindo para a fertilidade dos solos aí desenvolvidos, determinaram a ocupação agrícola que é hoje um elemento estruturante da paisagem.

É visível a compartimentação dos terrenos agrícolas, os cursos de água e respectiva galeria ripícola, sendo esta última particularmente rica do ponto de vista ecológico e muito importante para o equilíbrio dos ecossistemas já que faz a transição entre o meio aquático e o meio terrestre.

Muito provavelmente também os referidos solos foram, à época, aproveitados para a produção de alimentos de forma a suprir as necessidades das grandes massas populacionais que se deslocavam para o interior das Linhas, consequência da política adotada pelo general Wellington - A "Terra Queimada".



Vale agrícola atravessado pela Ribeira de Cheleiros  
(Fotografia original: Manuela Abreu)

## Glossário . . .

### "Terra Queimada"

Conhecendo a máxima napoleónica de que "a guerra alimenta a guerra", Wellington sabia que os franceses contavam com os recursos nacionais, nomeadamente com os recursos alimentares, para subsistir (1). Havia, portanto, que encontrar uma estratégia para limitar o acesso a essas provisões sob pena de ser o país a alimentar a guerra e, mais concretamente o inimigo (1).

Wellington desenvolve, assim, a política da "terra queimada", propondo aos portugueses que recolham todos os seus haveres e provisões, que abandonem as suas terras e se desloquem para as Linhas, destruindo tudo o que com eles não possam transportar, de forma a tornar impossível a sua utilização pelo exército invasor (2). Assim, privava o exército inimigo de alimentos e forragens (2). Desta forma ao entender e aplicar esta medida, todo o povo estava a colaborar na luta contra os invasores (1).

(1) Pinto, A.S., 2011. A Estratégia e a Tática de Arthur Wellesley para a Defesa de Portugal in "As Linhas de Torres Vedras: um sistema defensivo a norte de Lisboa / coord. Monteiro, M.C.; [textos de] Ventura, A.; Pinto, A.S.; Vicente, A.P. - Torres Vedras: PLIT, 2011

(2) Geraldo, J.C.M., 2011. As Invasões Napoleónicas: desde a ida da Família Real para o Brasil às Linhas de Torres 1807-1811. Lisboa: Âncora Editora

## Contributo para a Valorização do Património Associado às Linhas de Torres no Concelho de Mafra: A Perspectiva Geológica/Geomorfológica

Instituto Superior de Agronomia - UTL

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Maria da Conceição Canas Serra de Carvalho

ANEXO VII - PAINEL, FORTE DO ZAMBUJAL



Janeiro 2013

Escala 1/4